

OS IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NAS RELAÇÕES DE JOVENS E ADULTOS NO AMBIENTE ACADÊMICO NACIONAL

José Eugênio Mira - Faculdade de Bauru - FABAUI

Patricia Soares Baltazar Bodoni - Faculdade Anhanguera de Bauru

RESUMO: As principais características das Redes Sociais Virtuais, a história de seu desenvolvimento e os elementos da sua estrutura, bem como sua influência no ambiente acadêmico são os pilares deste artigo. Através de uma linguagem acessível e procurando não se apoiar apenas em artigos e textos científicos, mas também em outras fontes como sites da internet e pesquisas de órgãos governamentais, pretendemos criar bases de referência para a discussão do real impacto das redes sociais e suas conexões dentro das Instituições de Ensino Superior nacionais. São explorados os tipos de relações existentes entre os atores sociais das instituições, os grupos por eles constituídos, bem como demonstrados alguns dos principais comportamentos observados por outros estudos.

ABSTRACT: The main features of social networking, the history of its development and elements of its structure and its influence in the academic environment are the cornerstones of this article. Through an accessible language and trying not to rely only on scientific articles and texts, but also in other sources such as internet sites and surveys of government agencies, we intend to create baselines for the discussion of the real impact of social networks and their connections within national Institutions of Higher Education. It explores the types of relationships among the social institutions, groups formed by them, as well demonstrated some of the key behaviors observed in other studies.

PALAVRAS-CHAVE:

Redes sociais virtuais, ensino superior, Internet.

KEYWORDS:

Virtual social network, college education, internet.

Artigo Original

Recebido em: 15/12/2010

Avaliado em: 10/10/2011

Publicado em: 09/05/2014

Publicação

Anhanguera Educacional Ltda.

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Correspondência

Sistema Anhanguera de Revistas

Eletrônicas - SARE

rc.ipade@anhanguera.com

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia avança exponencialmente. Graças a uma mudança na estrutura econômica nacional no final do governo Collor, o brasileiro pôde finalmente livrar-se dos pesados grilhões do protecionismo e mergulhar de cabeça na então nascente era da informação. Em menos de vinte anos, passamos de deslumbrados a entusiasmados com tudo que a multiplicação milagrosa dos bytes e a miniaturização prodigiosa dos circuitos integrados poderiam fornecer. E fomos além. Pesquisas e invenções surgem a todo o momento em solo nacional, alçando nossa pátria no rol dos países que produzem sua própria tecnologia, e não apenas a compram de outros países. O número de computadores não pára de aumentar. Tornaram-se comuns nas comunidades carentes e favelas, *Lan houses* que estão sempre cheias. Nunca houve tanto acesso da rede mundial de computadores por brasileiros da classe “C”, “D” e “E”.

Na esteira deste desenvolvimento, surgiram então os sites de relacionamento. De interface simples e amigável e proposta atraente, as redes sociais se alastraram rapidamente, trazendo prazer para alguns e problemas para outros. Até que ponto o uso e os excessos desse tipo de site que promove o relacionamento social virtual podem ser prejudiciais dentro do ambiente acadêmico?

Para alcançar resposta a essa problematização o principal objetivo do presente artigo foi demonstrar por meio de um ensaio teórico com bases bibliográficas sólidas, alinhadas com o conhecimento do autor a respeito do tema, a maneira pela qual as Redes Sociais modificaram e continuarão modificando as relações existentes dentro do ambiente acadêmico e de seus integrantes. A mudança ocorrida entre a faixa etária dos estudantes das Faculdades e Universidades e as novas relações que se estabeleceram desde então entre alunos e também entre alunos e docentes também será analisado. O presente artigo busca uma visão abrangente, buscando situar a questão das redes sociais no foco da discussão sobre a influência da internet no ambiente acadêmico dos jovens e adultos.

A exposição dos impactos negativos das redes sociais no ambiente acadêmico a visão do fenômeno das redes sociais virtuais não apenas como um integrador, e sim, um dissoluto dos relacionamentos reais, dentro e fora do ambiente acadêmicos são questões a serem desenvolvidas para que seja respondido o que pode ser feito para que a facilidade de comunicação online seja um catalisador de relacionamentos reais entre alunos, docentes e instituições, e não, um elemento de discórdia e um ambiente anárquico entre os elementos formadores do meio acadêmico?

De acordo com o planejamento inicial devotado a esse projeto, a metodologia utilizada será exploratória, por ser de nosso interesse compreender as nuances variadas dentro do assunto analisado, baseada em levantamentos bibliográficos. Uma das obras principais utilizadas para a elaboração deste artigo será o livro da autora Recuero (2009), *Redes Sociais*

na internet, uma das únicas obras completas sobre o assunto, além dos artigos mencionados na fundamentação teórica, abrangendo os campos da pedagogia, da sociologia e até mesmo da matemática.

No Brasil, essa abordagem ainda é pouco conhecida. Em parte, porque vários dos estudos básicos em redes sejam repletos de fórmulas e desenvolvimentos matemáticos, que notoriamente apresentam uma grande dificuldade para os pesquisadores de ciências sociais. Apesar disso, muitos dos estudos de redes não utilizam ou utilizam pouca matemática, restringindo essa o tratamento de dados. (RECUERO, 2009, pág. 21)

Podemos dizer que o fenômeno das redes sociais é um dos raros pontos de convergência interdisciplinar, onde estudos de áreas distintas podem ter aplicabilidade prática em um único fenômeno.

2. DEFINIÇÕES DE REDE SOCIAL VIRTUAL

Para efeitos didáticos, devemos considerar antes de tudo que Redes Sociais Virtuais e Redes Sociais são conceitos dicotômicos, sendo que o segundo abrange o primeiro, sendo o segundo aplicável aos diversos estudos sobre organização de sociedade, enquanto o primeiro refere-se exclusivamente ao estudo das Redes Sociais estruturadas a partir de um sistema computacional. Para uma conceituação precisa de Redes Sociais, seria necessária uma longa explanação sobre o tema, o que não é o foco principal do presente. Portanto, basta a definição de que uma Rede Social Virtual é uma Rede Social com todas suas características inerentes, porém, ocorrendo através de uma interação virtual entre os seus atores.

Para definirmos virtualidade, antes devemos procurar conceituar a tecnologia da informação, responsável nesse contexto pela virtualidade. Para buscarmos uma definição adequada de tecnologia, devemos recorrer tanto a etimologia quanto ao uso popular do termo. Tecnologia (do grego $\tau\epsilon\chi\epsilon\lambda\omicron\gamma\iota\alpha$ – “ofício” e $\sigma\tau\upsilon\delta\iota\alpha$ – “estudo”) é um termo muito mais abrangente que costumamos utilizar para determinar apenas o que é produzido através de técnicas ou procedimentos obtido graças à ciência avançada. O Dicionário Aurélio define tecnologia como sendo “conjunto de conhecimentos, particularmente, conhecimentos científicos”. Outra definição cabível seria conjunto de conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e utilização de bens e serviços.

De tão abrangente, o termo produziu variantes. Sem dúvida o que está mais em voga atualmente é o já popular “tecnologia da informação”, que trata especificamente dos recursos computacionais e técnicos para geração, gestão e uso da informação. Segundo Lucas Jr. (1997), tecnologia da informação é um termo amplo que descreve todas as formas de tecnologias aplicadas ao processamento, armazenamento e a transmissão da informação na forma eletrônica. Não se pode relegar a um segundo plano importância de outras tecnologias clássicas, por exemplo, a agricultura, escrita e astronomia, que alteram o curso da civilização quando descobertas. Neste artigo, porém, a principal tecnologia tratada será a da informação e suas ramificações, como a da comunicação.

A definição do termo rede social é um processo, por si só, interdisciplinar. Enquanto o conceito de rede tem sua origem nos meandros da teoria de Leonard Euler (Buchanan, 2002), o termo social remete ao gregário humano, e às suas interações. O termo social vem do latim, *Socius*, que significa companheiro, subentendendo assim que a o social possui um interesse comum. Assim, podemos contatar que estamos diante de um conceito absolutamente contemporâneo, que integra os seres humanos não mais como uma turba, um amontoado, uma multidão, e sim, um grupo organizado, que tem em suas conexões um padrão matematicamente avaliável. Diversos são os autores que buscam dar contornos algébricos ao sistema de Redes sociais, mas a nós interessa o fato de que temos em rede social uma massa dinâmica, fluída, porém constante e moderadamente organizada.

Apesar disso, antes de prosseguir faz-se necessário despir-nos de qualquer conceito anteriormente definido de redes sociais virtuais. As comunidades virtuais não são comunidades sociais. Enquanto em uma comunidade as pessoas estão juntas por algum motivo de força maior (exemplo são as favelas e núcleos habitacionais, que no Brasil são o exemplo mais forte de comunidade constituída de forma heterogênea), nas comunidades virtuais todos os participantes estão nelas presentes por interesse comuns. As intangibilidades de tais comunidades fazem dela o local perfeito para o desfile de afinidades. Isso não as destitui de seu papel como sociedade legítima. Levy (2002) explica que as comunidades virtuais são uma nova forma de fazer sociedade. Assim, não temos uma subsociedade, temos um novo filtro para a sociedade já existente.

Sites de relacionamentos virtuais, ou redes de relacionamento virtual é uma designação geral adotada por vários sites da internet que oferecem páginas pessoais de relacionamento interpessoal. Ou seja, sites da internet que permitem que o usuário cadastre certos dados, assim como fotos e vídeos, de modo que esses dados possam ser acessados por todos os outros usuários do serviço, de maneira restrita ou não. Além disso, o que os torna especialmente atraentes, é a possibilidade de integrar aos seus dados as páginas de dados pessoais de amigos e conhecidos, criando assim uma rede de relacionamentos, através da qual é possível aumentar seus contatos através dos contatos de outras pessoas, bem como comunicar-se através de recados. Sem dúvida alguma, o site mais conhecido dessa classe no Brasil é o *Orkut* (<http://www.orkut.com>), apesar de existirem outros, como o site preferido dos norte-americanos, o *Facebook* (<http://www.facebook.com>) e o português *Sonico* (<http://sonico.com>), famoso na terra de Camões. Apesar da proposta simples, o fenômeno se alastrou pela rede a ponto de tornarem-se os sites mais acessados do Brasil. Em pesquisa apurada pelo portal Alexa.com, o Orkut, principal site de relacionamento da Google, figurou em primeiro lugar durante todo o ano de 2009 como o site mais acessado. Em 2011, confirmou-se como o mais acessado, com mais de trinta e oito milhões de acessos únicos. Mas a hegemonia do Orkut está ameaçada. Segundo dados do Google AdPlanner, a rede social Facebook foi o site mais acessado do mundo em 2011. E no Brasil vem subindo de posições, chegando a décimo primeiro lugar esse ano.

Além da designação mais generalista, dentro do conceito de redes sociais cabem outros conceitos mais específicos, como por exemplo, a divisão das redes em redes sociais emergentes e redes sociais de filiação ou associativas (RECUERO, 2002). Na primeira, configura-se o fenômeno da interação causada exclusivamente pelo fenômeno do computador, como por exemplo, os comentários deixados em um *weblog* por um visitante, que encontrou o blog através de uma página de pesquisa, por exemplo. Já no segundo caso, a associação apenas reflete uma relação pré-existente na esfera social do ator social (nome dado às pessoas que interagem através de redes sociais). Portanto, no presente artigo a ênfase principal será dada as redes sociais associativas, uma vez que nessas redes é que vemos refletidas as relações sociais presentes no ambiente acadêmico, que acabam por se transferirem para o ambiente virtual. Apesar disso, vale lembrar que tal divisão é tão somente teórica, uma vez que atualmente existem características de ambos os tipos na quase totalidade das redes sociais abordadas, como é o caso do *Orkut* e do *Facebook*.

3. HISTÓRIA DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Como surgiram as redes sociais? Essa pergunta, que a princípio pode parecer simples, ganha um entorno complexo quando nos aprofundamos na história da comunicação e socialização em rede.

O início da interação social através de sistemas computacionais mistura-se com a história da computação. Durante a década de 60, o governo dos Estados Unidos desenvolveu um audacioso projeto com a pretensão de proteger a comunicação entre pontos-chave de seu sistema de defesa em caso de um ataque soviético. O sistema tinha por objetivo descentralizar as comunicações, tornando possível assim que em caso de falha de um ponto na comunicação, esta poderia ser restabelecida através de uma rota alternativa. O sistema foi chamado *ARPANET* e era o embrião da Internet.

Em pouco tempo, o sistema de comunicação computacional chamou a atenção de algumas universidades, que passaram a se conectar ao sistema. A *ARPANET* deixou de ser um sistema militar para interligar pessoas entre vários pontos. Foi quando um protocolo de comunicação conhecido como *BBC* passou a ser utilizado por professores, alunos e pesquisadores. O sistema era uma simples lista de discussão, como é conhecida hoje, em que as pessoas inscreviam seu endereço eletrônico em uma espécie de cadastro, e passavam a receber as mensagens dos outros cadastrados, da mesma maneira que envia suas mensagens para os outros. Esse simples sistema de comunicação múltipla pode ser considerado hoje como a primeira versão de uma rede social, uma vez que dava suporte a interação entre pessoas através de uma rede computacional.

Já no fim da década de 90 e início do ano 2000, os clientes de chat IRC tornaram-se comuns entre os jovens e adolescentes. O *Internet Relay Chat* foi desenvolvido em uma universidade da Finlândia, e tinha por objetivo a transferência de textos e arquivos em um ambiente de *chat*. Os grandes atrativos do *chat IRC* (que no Brasil ficou conhecido como mIRC, nome de um cliente muito utilizado por aqui) eram sua velocidade relativamente alta na transferência de dados e, é claro, a possibilidade de ampla socialização através de seus canais de conversa, que reuniam pessoas de um mesmo bairro, cidade, ou mesmo que possuísem algum interesse comum.

A decadência dos chats IRC começa com a expansão dos *softwares* de mensagem instantânea, como o ICQ e o MSN Messenger. A velocidade com que os textos digitados eram enviados e respondidos, aliados às diversas funcionalidades como a exibição de imagens personalizadas e uma interface “limpa” seduziu os usuários, e inaugurou a nova era das redes sociais, com uma interface mais amigável ao usuário “leigo”, que não deveria ser necessariamente um perito em sistemas computacionais para a correta utilização das ferramentas de comunicação em rede. Essa maior abertura foi crucial para a explosão das redes sociais em nossa sociedade contemporânea, porém, criou diversos pontos adversos, que serão discutidos no capítulo que trata da má utilização das ferramentas que as redes sociais virtuais oferecem.

4. DEFINIÇÃO DE ATORES SOCIAIS

O conceito de Rede Social não é, de maneira nenhuma, novidade dentro dos círculos de estudos sociológicos e filosóficos. Os trabalhos acerca do impacto das redes na vida social são tão antigos quanto o próprio conceito. O que temos de novo é a abordagem recente de Redes Sociais Virtuais, como uma promessa de ferramenta perene de colaboração global, conforme a definição:

O que é novo no trabalho em redes de conexões é sua promessa como uma forma global de organização com raízes na participação individual. Uma forma que reconhece a independência enquanto apóia a interdependência. O trabalho em redes de conexões pode conduzir a uma perspectiva global baseada na experiência pessoal (LIPNACK e STAMPS, 1992. Pág. 19).

Portanto, a definição de Atores Sociais, obrigatoriamente, ganha nova roupagem em se tratando de Redes Sociais Virtuais. O ator social de uma rede social virtual é alguém que utiliza os serviços de uma Rede Social Virtual para, através dela, criar suas conexões e alimentar seu capital social. Conexões seriam os laços criados entre os Atores, ou seja, as pessoas ou comunidades a quem o ator está ligado ou associado (Wasserman e Faust, 1994). Já o capital social, segundo Bourdieu (1983) seria o conjunto de recursos potenciais que estão presente nas relações entre as pessoas, associadas a uma determinada coletividade. O capital social emerge das interações coletivas. Portanto, os Atores interagem através de conexões a fim de gerar capital social.

Dentro de nosso escopo de estudo, limitado aos atores sociais do meio acadêmico, isolamos três principais grupos, que tem comportamentos característicos. O critério de separação foi a idade dos alunos. Assim, criamos dois grupos, sendo que um compreende desde a idade de ingresso mínima, de 17 anos, até os 25 anos de idade. O outro grupo é formado pelos alunos a partir de 25 anos de idade. De acordo com o IBGE, os jovens entre 17 e 24 anos formam a população responsável principalmente pela ocupação de novos postos de trabalho, além de ser o maior número de ingressantes nas instituições de Ensino Superior no Brasil. Já a população acima dos 25 anos compõe a população adulta, mais estabilizada economicamente e socialmente. Os dados são do Relatório oficial do IBGE sobre população jovem, publicado em 1999.

4.1. Grupo 01 – Alunos jovens de 17 a 25 anos.

O grupo número um é o mais numeroso e o que deve receber maior parte das atenções voltadas para todos os estudos que visem traçar um perfil do ator social padrão das redes sociais dentro do ambiente acadêmico. Isso porque além de serem maioria dos ingressantes no Ensino Superior, os jovens entre 18 e 25 anos representam a grande massa de utilizadores das Redes Sociais. Segundo dados oficiais do Orkut, em 2011, 53,48% dos seus usuários estavam nessa faixa, ou seja, mais da metade dos utilizadores.

Historicamente, no Brasil os jovens ingressantes no ensino superior sempre foram, em sua quase absoluta totalidade, oriundos de famílias abastadas ou, no mínimo, economicamente estáveis. Isso porque o nosso país apresentava apenas dois modelos de Ensino Superior: O privado, com valores de mensalidades altíssimas, mantido por grupos educacionais ou religiosos, e o público, com altas taxas de concorrência para poucas vagas, o que limitava o seu acesso apenas àqueles que podiam se dedicar exclusivamente aos estudos no período pré-vestibular, e que, uma vez aprovados, pudesse ser mantido na instituição por sua família. Segundo Colossi, Consentino e Queiroz (2001):

A expansão do ensino superior até 1994, no Brasil, tem traços de qualidade insuficiente, resultado de um processo de crescimento destituído de avaliações das instituições e cursos. A marca do ensino superior nesta fase é dada pelo caráter elitista do setor público, que restringe o número de vagas oferecidas no período noturno. O cidadão que trabalhasse, em sua maioria integrante da população de menor renda teria oportunidade de acesso apenas às instituições privadas, com qualidade inferior.

Desde o final da década passada, no entanto, novos modelos de acesso ao ensino superior foram apresentados à sociedade brasileira. Impulsionadas pela Nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), algumas instituições enxergaram uma oportunidade de aumentar o mercado, e o Ensino Superior privado explodiu em número de matrículas, o que permitiu uma maior chance de ingresso aos jovens de família de classe média. Na esteira social do governo do Presidente Lula, novos programas de integração

como o PROUNI (Programa Universidade para todos, que concede bolsas à alunos carentes em troca de isenção de impostos para as instituições) e o Escola da Família (que permite que alunos trabalhem em escolas do governo em troca do pagamento de suas mensalidades), o número de jovens ingressantes no ensino superior explodiu no Brasil. Em 1997, o número de ingressantes no ensino superior foi de quinhentos e setenta e três mil alunos, enquanto em 2004 esse número subiu para os assustadores um milhão e trezentos mil. Destes, mais de um milhão no ensino superior privado, segundo dados do próprio MEC

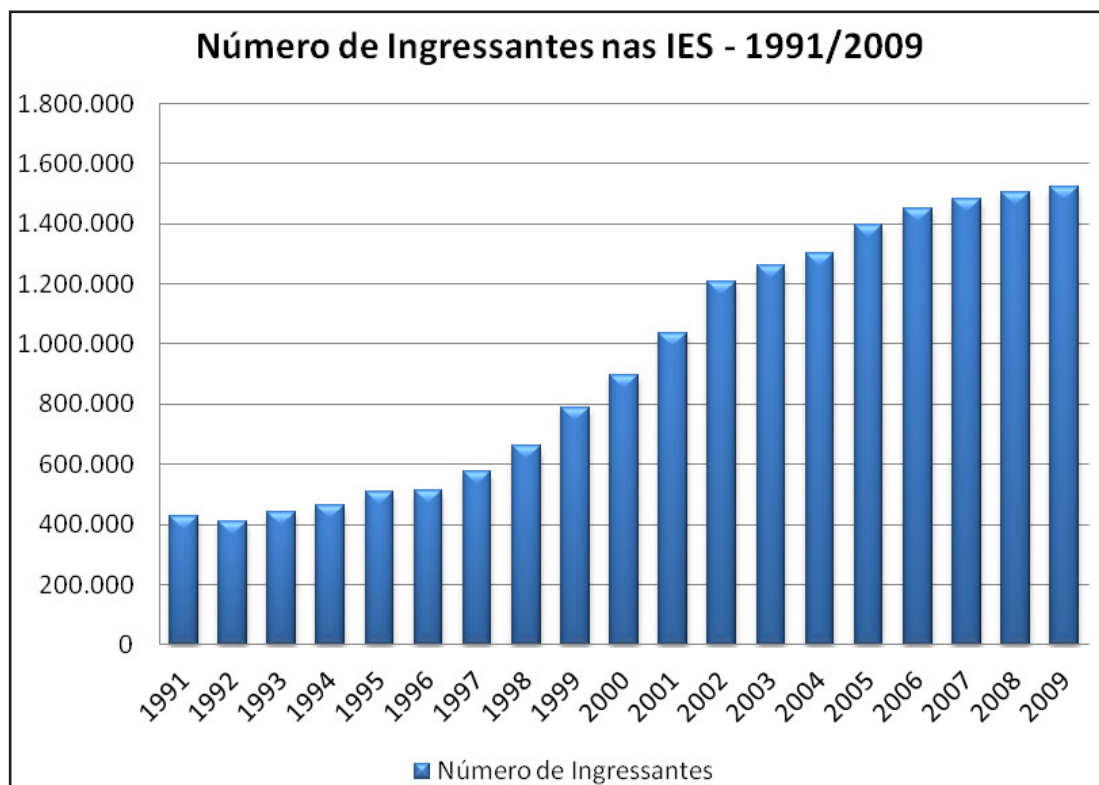


Gráfico 1 - Número de ingresso das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras (Fonte: Tabulação própria. Resumo Técnico do Censo da Educação Superior - INEP 2010)

Essa enorme massa de estudantes é ainda em sua maioria de jovens que experimentam a aventura do ensino superior imediatamente após o fim do ensino médio, sem ter um contato prolongado ou mesmo qualquer contato com o mercado de trabalho.

4.2. Grupo 02 – Alunos adultos a partir de 25 anos

O *boom* do ensino superior no Brasil, conforme explicado no item anterior é, sem dúvida nenhuma, o responsável pelo segundo grupo dentro dos atores sociais das redes em questão, o grupo de adultos, formado pelas pessoas com mais de vinte e cinco anos que ingressam no ensino superior. Observe no gráfico abaixo que, embora o número de ingressos no Ensino Superior tenha aumentado consideravelmente no período 2000-2004, tal relação não é observada nos matriculados no Ensino Médio, com o aumento nesse último apenas acompanhando o aumento na curva demográfica nacional (Fonte: Dados do INEP/MEC e Hoper Educacional, 2010).

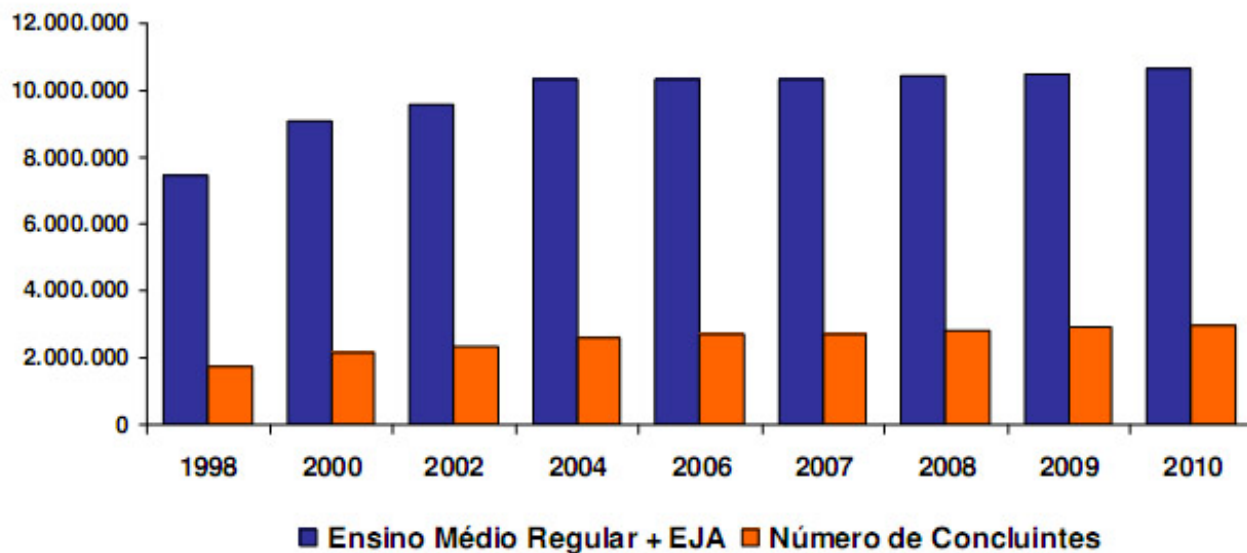


Gráfico 2 – Matriculados e Concluintes no Ensino Médio no Brasil (Fonte: Dados do MEC/INEP e Hoper Educacional)

Esse grupo guarda como característica principal o fato de que já está inserido no mercado de trabalho, e normalmente assume os custos do curso superior por conta própria. Tal grupo já apresenta características completamente discrepantes em relação ao grupo número 1. De acordo com Dados do IBGE, eles são principal força de trabalho, ocupando mais de 35 milhões de postos de trabalho, apenas na faixa etária entre 25 e 39 anos. Apesar disso, de acordo com o IBGE, as pessoas com mais de 25 anos representam apenas 5,5% dos escolarizados no Brasil, enquanto o grupo de 18 a 24 anos conta com 30,9%. A maneira como tais características modificam as relações sociais de tais grupos dentro das Redes Sociais Virtuais será descrito no item 5.

4.3. Grupo 03 – Professores

O terceiro grupo é constituído basicamente do corpo docente das IES, mas podem abranger também funcionários do corpo administrativo, assim como monitores, auxiliares docente, coordenadores de curso e diretores de unidades educacionais. Trata-se do grupo com grande penetração e atividade dentro das Redes Sociais, embora seja na maioria das vezes apenas sujeito passivo nos relacionamentos sociais virtuais. Aparentemente, isso ocorre porque os docentes representariam dentro das Redes Sociais a instituição de ensino. De acordo com Simão Marinho, da PUC de Minas Gerais, ainda existe uma grande resistência por parte dos alunos em manter contato com os professores, por terem uma visão de que as Redes Sociais integram principalmente um ambiente de lazer. Apesar disso, em uma pesquisa apresentada em Portugal no início do ano, no Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania” (Pereira e Pereira, 2011), diversos professores assumiram não só utilizar com frequência as Redes Sociais (80,8%), como também as utilizava com frequência na sua atividade letiva (74,2%).

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), 20 milhões de pessoas no Brasil utilizam alguma rede social, onde 52% acessam sites de comunidades virtuais e 41% criam ou mantêm grupos nas redes sociais. Para 45% dos internautas, as Redes Sociais faziam parte de sua rotina. Levando em conta esses dados, tabulados por Richter (2011), e na sua observação das comunidades virtuais, podem legitimar a participação de professores em fóruns e comunidades virtuais e seu uso como poderosa ferramenta pedagógica:

A mobilidade proporcionada pelas TICs flexibiliza o aprendizado e aproxima os educadores de seus pares, alunos e demais membros da sociedade, num mundo com as mais diversas experiências de aprendizagem. Diante destes fatos as comunidades virtuais de professores, com os recursos hoje disponibilizados pelas novas tecnologias, podem proporcionar a construção coletiva de novos conhecimentos (RICHTER, 2011. pág. 96)

5. AS RELAÇÕES SOCIAIS VIRTUAIS DENTRO DO MEIO ACADÊMICO

As relações dos diversos atores supracitados dentro do contexto de Redes Sociais Virtuais dentro do meio acadêmico não é ainda um relação de fatores conhecidos ou estabelecidos. Considerando o curto espaço de tempo que tais tecnologias passaram a coexistir dentro do contexto de ensino superior, não causam estranheza que são poucas as referências bibliográficas sobre tais relações nas fontes pesquisadas.

5.1. Relacionamento entre os atores – Tipos de relacionamento

Podemos estabelecer, dentro do Ambiente das Redes Sociais Virtuais, os seguintes tipos de relacionamento entre os atores sociais:

- Relação de contato apenas, sem interação: O aluno tem contato em suas Redes Sociais com outros alunos e professores. Porém, esse contato se limita à conexão estabelecida pela Rede Social. Ou seja, o aluno tem o colega de sala ou o docente como “amigo” em sua rede social, mas esse contato não é utilizado para interações relacionadas ao ambiente acadêmico.

- Relação de interação, com troca de informações: O aluno tem contato com outros colegas de turma e com seus docentes, e através das Redes Sociais compartilha materiais acadêmicos, links online para leitura e downloads referentes aos conteúdos aplicados em sala e informações sobre datas de avaliações e demais compromissos acadêmicos.

- Relação Social, com contatos que extrapolam os limites das IES: Além do contato intenso, do ponto de vista acadêmico, as relações nas Redes Sociais se confirmam no ambiente físico da universidade. Os alunos formam grupos de estudo e de trabalho, além de organizarem festas e eventos com o suporte das Redes Sociais.

- Sem contato virtual.

Em uma pesquisa realizada em 2009 por pesquisadores da Faculdade de Ciências Econômicas da Região Carbonífera (FACIERC), foram levantados alguns pontos sobre os tipos de relacionamentos que os alunos mantinham nas Redes Sociais. Os Dados da pesquisa mostram como se estabelecem as relações. Dado o pequeno número de alunos pesquisados, não é possível generalizar as informações, mas é possível termos um panorama do impacto dessas ferramentas no ambiente do Ensino Superior.

Na primeira relação, encontramos a maior parcela de utilizadores das Redes Sociais. De acordo com a pesquisa, 84% dos pesquisados utilizavam ferramentas de contato via internet para ter contato com colegas da sala. A relação mais alarmante, no entanto está na relação docente-discente: Dentre os entrevistados, apenas 4% disse contatar os professores sobre questões acadêmicas. Uma quantidade tão ínfima que dado o pequeno espaço amostral da pesquisa (apenas 50 alunos), pode até ser considerado um erro estatístico. Sobre a segunda relação, 82% dos entrevistados assumiram que faziam pesquisas relacionadas às aulas da Faculdade, enquanto 44% disseram que lêem ou fazem download de artigos ou livros científicos. Apesar disso, quando questionados sobre a utilização de fóruns, listas de discussão e comunidades virtuais para discussão e troca de idéias sobre questões relacionadas exclusivamente às aulas da Faculdade, apenas 38% dos respondentes assumiram utilizar tais ferramentas para esse fim. Quando questionados se as Redes Sociais das quais participavam contribuíam, de alguma forma, para o aprendizado do conteúdo de seus cursos, 34% responderam que sim, enquanto a maioria (66%) foi taxativa em afirmar que não.

A terceira relação estrutura-se principalmente entre os membros de cada um dos grupos entre si, e não com os outros. As causas de tal segregação residem no fato de que os atores dos grupos integram realidades e até grupos sociais diferenciados. Nesse sentido, as relações sociais que exasperam o limite das Redes Sociais Virtuais só surgem no contexto que obedecem aos mesmos padrões relacionamentais da sociedade real, com pessoas que integram mesma faixa etária, estado civil e classe econômica. Como foi mencionado acima, cerca de 80% dos questionados disseram contatar em primeiro lugar seu amigos sobre as dúvidas relacionadas com conteúdo da Faculdade, enquanto apenas 36% afirmaram contatar qualquer aluno.

Existem ainda as pessoas pertencentes aos três grupos que simplesmente não integram quaisquer redes sociais, sendo avessas ao seu uso por questões pessoais ou simplesmente por inépcia tecnológica, no entanto, tais atores deverão deixar de existir dentro de pouco tempo, dado o volume da expansão das redes sociais e da necessidade cada vez maior do uso dos computadores e da internet no desenvolvimento de tarefas do dia a dia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sociedade encontra-se em um limiar, e todas as experiências vivenciadas a partir de agora hão de ocorrer em um ambiente completamente desconhecido, de modo que será cada vez mais comum depararmos-nos com situações incompreensíveis. As Redes Sociais Virtuais é mais uma dessas experiências, experiência essa que ainda está em curso, sem prazo determinado para sabermos suas conseqüências. De um modo geral, no entanto, o consenso é que as tais Redes Sociais Virtuais diferem-se das redes sociais apenas no que concerne ao meio à qual as mesmas estão submetidas. Esse meio, o meio virtual, por globalmente acessível, tende a ser mais homogêneo em sua composição, o que não deve modificar as estruturas básicas sociais, que desde o princípio da humanidade tem sua organização separada por castas que se organizam de acordo com seus interesses em comum ou suas aptidões.

As Redes Sociais Virtuais sem dúvida representam a globalização do conhecimento, e um aumento sem precedente na velocidade da troca de informações, o que deve levar a humanidade a desenvolver exponencialmente seu potencial criativo. Mas tais Redes não são o agente da mudança social e da agregação política, étnica e religiosa, e sim, uma poderosa ferramenta para tal, que pode produzir dentro e fora do ambiente da IES grandes revoluções. Porém, os agentes de tais mudanças continuam a ser os mesmos de outrora, os limitados e preconceituosos seres humanos.

REFERÊNCIAS

- Ranking dos sites mais acessados do Brasil** < <http://www.portaldasnoticias.com.br> > acessado em 31 de janeiro de 2010
- The 100 most-visited sites: Brazil** <<http://www.google.com/adplanner/static/top100countries/br.html>>
- The 1000 most-visited sites on the web** <<http://www.google.com/adplanner/static/top1000/index.html>>
- IRC History.** <<http://daniel.haxx.se/irchistory.html> > Acessado em 25 de julho de 2010
- Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2009** <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf> Acessado em 01 de novembro de 2011
- Estatísticas de Membros - Orkut** <<http://www.orkut.com.br/MembersAll.aspx>> Acessado em 01 de novembro de 2011
- Relatório Oficial do IBGE - População Jovem** <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacaojovem.pdf> Acessado em 01 de novembro de 2011
- Porque professores e escolas não caem nas Redes Sociais?** <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/por-que-professores-e-escolas-nao-caem-nas-redes-sociais> > Acessado em 02 de novembro de 2011
- AMORIM, E. S.: **Pedagogia no Ensino Superior:** Uma reflexão inicial. Disponível em < <http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=130> > acessado em 12 de junho de 2010

- BECKER, F. Piaget, um divisor de águas. **Revista Viver Mente&Cérebro**, n 10, p. 27-34, dez. 2003.
- BRAGA, R.: **O cenário atual do Ensino Superior no Brasil**. Disponível em < http://www.linhadireta.com.br/livro/parte4/artigos.php?id_artigo=20 > acessado em 23 de maio de 2010
- BUCHANAN, M. Nexus: **small worlds and the groundbreaking theory of networks**. New York: W.W. Newton. 2002.
- COLOSSI, N; CONSENTINO, A; QUEIROZ, EG. Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: Uma tendência ao ensino colaborativo. **Revista FAE**, n.1, vol.4, p. 57-58, jan./abr. 2001.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade. Redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface – Comunicação, saúde, educação**. V.9, n.17, pag. 235-48, Mar. 2005.
- LEVY, P. **O Que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1993.
- LEVY, P. **Cyberdemocratie**. Paris: Odile Jacob, 2002.
- LIPNAK, J. , STAMP, J. **Networks, redes de conexão**: pessoas conectando-se com pessoas. São Paulo : Aquarela, 1992.
- LUCAS Jr; Henry C. **Information and technology for management** .6. Ed. New York: McGraw-Hill, 1997, p. 7
- MARTINS, Gisely Jussyla Tonello ; PUERTO, G. ; SERAFIM, S. ; PEREIRA, M. F. . **A contribuição das redes sociais virtuais para a aprendizagem e construção do conhecimento: evidências em estudantes de cursos de graduação**. In: IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, Florianópolis, 2009.
- PEREIRA, L; PEREIRA, S. **O lugar das redes sociais na escola – as perspectivas dos professores**. Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania” Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Mar. 2011.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre. Sulina, 2009.
- RECUERO, R. **Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social**. UCPEL/UFRGS, 2004.
- RICHTER, R. M. **Redes Sociais e Comunidades Virtuais de Professores**. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2011.
- SOUZA, R. R. **O que é, realmente, o virtual?** <<http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/renato.html>> acessado em 15 de fevereiro de 2010
- WASSERMAN, S; FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.